

Presidente: Marcelo Rodrigues - Vice Presidente Pedro Teixeira - Contato:(21) 98399-1805 (21) 97891-2973



Vamos nos propor a adorar a Deus também? Pag.:03



Nossa Senhora Aparecida: Por que mãe de Jesus entrou para a História com mais de mil nomes. Pag.:03



O Menino de cinco anos que testemunhou uma aparição de Nossa Senhora. Pag.:06



Como surgiu a crucificação, o mais 'cruel e aterrorizante' dos castigos. Pag.:07



Navio cargueiro 'movido a vento' estreia em viagem ao Brasil

Pag.:09



Quem é Dmitry Utkin - e quem mais estaria no avião de Prigozin que caiu na Rússia?

Pag.:10



São Gonçalo se prepara para brindar seus 133 anos. Pag.: 11



Exposição Sob à Luz do Sagrado, promete colocar Maricá no roteiro do turismo religioso.Pag.: 11



Deputado Federal, Washington Quaquá, está defendendo no Congresso Federal à Frente Parlamentar das Favelas.

Pag.:12



AJUDA E CONFORTO NA AMAMENTAÇÃO

Alimente esse CUIDADO

Contar com uma rede de apoio familiar pode transformar a vida das mães trabalhadoras e de seus bebês. É preciso entender a importância da amamentação nos seis primeiros meses de vida para garantir um desenvolvimento saudável do bebê e, além disso, colaborar para que haja uma redução do desmame precoce.

AGOSTO Dourado

SECRETARIA DE SAÚDE  **PREFEITURA DE MARICÁ**



Aguns Dei

RCNews

Ninguém é forte o tempo todo, e tá tudo bem. Apenas respire, descanse e recomece de novo... bom dia meus amigos, excelente segunda feira!!!

MIR
MARCELO RODRIGUES

Marcelo Rodrigues, presidente do RCNEWS.

www.redecaticanews.com.br

Queridos leitores e seguidores da Rede Católica News.

É com imensa alegria e gratidão que eu, Marcelo Rodrigues, jornalista e presidente da Rede Católica News, compartilho com todos vocês os frutos de um mês de agosto verdadeiramente abençoado. Nossa jornada rumo à disseminação da informação com integridade e valores cristãos tem sido guiada por uma força maior, e é com humildade que expresso minha profunda gratidão a São José e a Deus por cada conquista que alcançamos.

O mês de agosto trouxe consigo uma atmosfera de crescimento e prosperidade para a nossa amada empresa. Cada página do jornal foi preenchida com histórias inspiradoras, análises perspicazes e insights valiosos, graças ao esforço incansável de nossa dedicada

equipe de profissionais. Através da interseção de São José, padroeiro das famílias e do trabalho, e das bênçãos divinas, nossos esforços foram multiplicados, e as sementes que plantamos no campo do jornalismo ético e informação veraz germinaram e floresceram.

Quero aproveitar este momento para expressar minha mais profunda gratidão a todos vocês, nossos leitores e seguidores fiéis. Vocês são a base sólida sobre a qual construímos nossa missão de compartilhar notícias relevantes e impactantes. Suas mensagens de apoio, críticas construtivas e engajamento contínuo são a força motriz que nos impulsiona a melhorar constantemente.

Que possamos continuar a crescer juntos, como uma família unida na fé e na busca pela verdade. Nossa visão para

a Rede Católica News é construir pontes entre a informação e os valores cristãos, fornecendo a vocês um espaço onde possam encontrar inspiração, sabedoria e discernimento em meio ao fluxo constante de notícias.

Neste momento de agradecimento, vamos também lembrar daqueles que não estão tão abençoados quanto nós. Rezemos para que nossa expansão e sucesso possam ser uma fonte de esperança para aqueles que enfrentam desafios e dificuldades.

Que São José continue a nos guiar e a abençoar nossos esforços, e que Deus, em sua infinita misericórdia, nos conceda a graça de continuar a servir a vocês, nossos leitores, de maneira digna e honrada.

Com profunda gratidão e votos de bênçãos.

**Marcelo Rodrigues
Presidente, Rede Católica News**

ANUNCIE AQUI!



Caros leitores,

Com alegria, compartilhamos notícias emocionantes da Rede Católica News. Nossos seguidores estão crescendo, e é com gratidão que vemos nossa família online expandir. Cada novo seguidor fortalece nossa missão de informar com integridade e valores cristãos.

Além disso, estamos entusiasmados em anunciar novas parcerias. Juntando forças, ampliamos nossa capacidade de fornecer informações diversificadas e enriquecedoras. Essas colaborações nos ajudam a atender melhor às necessidades de nossa comunidade.

Continuamos dedicados a um jornalismo exemplar, promovendo valores católicos e princípios morais. Agradecemos por fazer parte dessa jornada e contribuir para o sucesso da Rede Católica News.

Com gratidão,

**Pedro Teixeira
Vice-Presidente, Rede Católica News**

Vamos nos propor a adorar a Deus também?



Além de rezar em ação de graças e pela súplica de algo, queridos amigos, o Papa também alerta para não descuidarmos da adoração a Deus - uma das maiores expressões do amor ao Pai. E ao continuar a reflexão sobre o Evangelho de hoje (Mt 22,34-40), o Pontífice recorda outro

ensinamento de Jesus: amar o próximo como a ti mesmo. Então, amar a Deus e ao próximo:"

Esta é uma das principais novidades do ensinamento de Jesus e faz-nos compreender que não é amor verdadeiro a Deus o que não se expressa no amor ao próximo; e, da mesma

forma, não é amor verdadeiro ao próximo o que não se inspira no relacionamento com Deus. O amor a Deus exprime-se sobretudo na oração, em particular na adoração. Descuidamos muito a adoração a Deus. Recitamos a oração de ação de graças, a súplica para pedir algo..., mas negligenciamos a adoração. O núcleo da oração consiste precisamente em adorar a Deus. E o amor ao próximo, que também se chama caridade fraterna, é feito de proximidade, de escuta, de partilha, de cuidado pelo próximo. E muitas vezes não ouvimos o outro porque é tedioso ou porque me rouba tempo, não o apoiamos, não o acompanhamos nas suas dores e provações... O Apóstolo João escreve: «Quem não ama a seu irmão, a quem vê, como

pode amar a Deus, a quem não vê?» (1 Jo 4, 20). Assim, vemos a unidade destes dois mandamentos. (Angelus de 25 de outubro de 2020).

Anuncie Aqui!

Nossa Senhora Aparecida: Por que mãe de Jesus entrou para a História com mais de mil nomes



São muitos nomes, muitas "nossas senhoras". Mas elas todas se referem a uma mesma pessoa, uma mesma santa católica?

A resposta é sim. O que significa que Nossa Senhora Aparecida, cuja data se comemora em 12 de outubro é uma representação diferente da mesma santa que também pode ser chamada de Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Lourdes e tantas outras.

Trata-se de Maria, uma jovem judia nascida em Nazaré há pouco mais de 2 mil anos, quando essas terras ao sul de Israel eram parte do Império Romano. Para o cristianismo, ela tem papel fundamental: tornou-se a mãe de Jesus Cristo.

Chamada de virgem por dois dos evangelistas, Mateus e Lucas, acredita-se que ela tinha cerca de 15 anos quando ficou grávida — pela doutrina cristã, por obra do Espírito Santo, ou seja, sem ter tido relações sexuais com homem algum. Na época, Maria já estava prometida em casamento a José, um carpinteiro da mesma cidade, mais velho, já na casa dos 30 anos.

Fato é que desta gravidez nasceria Jesus, o pilar fundador do cristianismo. Mas por que a tradição católica não rende a essa mulher apenas o título de Santa Maria, e são tantas as representações dela pelo mundo?

"Os nomes dedicados a Nossa Senhora dependem muito da forma como ela apareceu.

Normalmente são dados pelo nome do lugar onde ela apareceu ou pelas condições em que se deram o aparecimento", esclarece o padre Arnaldo Rodrigues, assessor da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Conforme explica a cientista da religião Wilma Steagall De Tommaso, coordenadora do grupo de pesquisa Arte Sacra Contemporânea - Religião e História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e membro do Conselho da Academia Marial de Aparecida, essas nomenclaturas acabam variando a "cada povo, cada região, cada cultura", por conta de "títulos que correspondem aos eventos decorrentes de inúmeras situações".

Ela lembra que muitos desses títulos são os chamados dogmáticos. É de onde vem, por exemplo, a nomenclatura de Nossa Senhora da Imaculada Conceição — bula assinada pelo papa Pio IX "declara Maria imune da mancha do pecado original", ressalta a pesquisadora — ou mesmo a ideia de chamá-la de Virgem Maria, já que "o Concílio de Latrão, em 649, preconiza como verdade a virgindade perpétua", da mãe de Cristo.

"Há ainda as denominações decorrentes dos lugares onde houve uma manifestação que deu origem à devoção local, muitas vezes ampliada a outros povos e locais, como Aparecida, Guadalupe, Lourdes, Fátima, Loreto, Montserrat, etc.", complementa ela.

"Nomes diferentes são atribuídos à Virgem Maria pois estão ligados ao lugar onde ela apareceu", acrescenta a vaticanista Mirticeli Medeiros, pesquisadora de história do catolicismo na Pontifícia Universidade Gregoriana de

Roma. "Não existe algo que determine que ela precise, necessariamente, 'ser batizada' com o nome do território da visão, mas como inicialmente as aparições são uma manifestação de religiosidade popular, antes mesmo de passar por toda a análise canônica de praxe, é o povo que acaba difundindo, num primeiro momento, esses títulos."



"Os tantos títulos que lhe dão todos têm uma razão. É Nossa Senhora de Fátima, porque apareceu lá. É Nossa Senhora do Bom-Parto porque auxilia espiritualmente as parturientes. É Nossa Senhora do Bom-Conselho porque tem sempre uma orientação a dar aos seus filhos", afirma o pesquisador José Luís Lira, fundador da Academia Brasileira de Hagiologia e professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, do Ceará. "E todos esses títulos são de uma só mãe, porque é mãe de toda a humanidade e em todos os lugares, os povos a chamam e representam conforme seus costumes, suas tradições. É claro que para uma veneração pública é necessária a aprovação da Igreja."

Pedido de mãe é uma ordem. A devoção a Nossa Senhora, contudo, remonta ao princípio do cristianismo. Por princípio, a ideia é que ela funcione como um canal direto ao próprio Cristo — dentro da premissa que pedido de mãe ninguém nega.

Uma passagem importante do próprio evangelho reforça

essa ideia. Trata-se da narração do milagre das bodas de Caná, que aparece exclusivamente no texto de João, no qual Jesus faria aquele que é considerado seu primeiro milagre.

Na festa de casamento, onde ele estava junto a sua mãe como convidado, os anfitriões notam que havia acabado a bebida. Maria chama Jesus de lado e explica o drama. Ele, então, transforma água em vinho e garante a continuação da celebração.

"Seria um escândalo para o casal se acabasse a bebida antes de a festa terminar. Quando Maria pede a Jesus que tome uma providência, fica importante o papel dela como intercessora", analisa padre Rodrigues.



A devoção mariana também se baseia em outro momento dos textos bíblicos. Quando Jesus está agonizando na cruz, segundo o relato, ele teria dito algumas palavras para sua mãe e também para seu apóstolo João. Ali, teria utilizado o seguidor como representante toda a humanidade, considerando Maria a mãe dele — e, por extensão, a mãe de todos.

"Nesta ação, João representa toda a humanidade. Maria se tornou a mãe nossa. A nova Eva, uma Eva livre do pecado, como a Igreja nos ensina. Assim, Maria Santíssima cuida da humanidade como mãe e mãe zelosa", analisa o hagiólogo Lira.

Antiguidade

Segundo estudos do padre Valdivino Guimarães, mariologista e ex-prefeito de Igreja do Santuário Nacional de Aparecida, os registros mais antigos dessa crença no poder da mãe de Cristo remontam ao século 2. "Indícios arqueológicos demonstram a veneração dos primeiros cristãos. Nas catacumbas de Priscila, se vê pinturas marianas do segundo século, em local onde os primeiros cristãos se reuniam", afirma ele.

"Nas catacumbas, encontramos o afresco considerado, até agora, a mais antiga imagem da Virgem Maria com o Menino Jesus", comenta De Tommaso. "Esse afresco deixa evidente que os primeiros cristãos entendiam que a vinda de Jesus fora prenunciada nos livros sagrados do povo hebreu. E Maria, a mulher que disse o sim e que tece em seu ventre o corpo do Salvador. Há um ícone muito antigo conhecido como Maria, a tecelã."

A mais remota das aparições remontam ao ano 40 e seria um episódio de bilocação, na verdade, pois Maria ainda era viva. Segundo a tradição cristã, ela teria aparecido ao apóstolo Tiago na atual cidade de Zaragoza, hoje Espanha, onde ele estava pregando. Fato é que há registros da construção de uma pequena capela ali, desde os primórdios do cristianismo.

Outro relato sempre citado por pesquisadores é o de Nossa Senhora das Neves, uma aparição de agosto de 352, em Roma. Foi por conta desse episódio que foi erguida a Basílica de Santa Maria Maior.

"Maria é venerada desde os primórdios do cristianismo. Em muitos escritos, e inclusive na própria iconografia primitiva, ela recebe um lugar de destaque.

A mais antiga antífona mariana que se tem notícia é do século 2, que é chamada, em latim, de *Sub tuum presidium*, ou *Sob tua proteção*. O Concílio de Éfeso, em 431 d.C, analisa e aprova a tese teológica de que Maria também era mãe de Deus, entre outras atribuições que ocorreram mais à frente", pontua Medeiros.

"O tema de Maria está presente em todos os períodos da história do cristianismo. Há uma tradição que aponta que a primeira aparição de Maria teria acontecido na Espanha, em 40 d.C, cujo vidente teria sido São Tiago, apóstolo de Jesus, considerado o evangelizador do território", prossegue a especialista. "O título adotado foi o de Nossa Senhora do Pilar, já que, segundo o relato, Maria teria mostrado ao apóstolo uma coluna, pedindo que ele construísse um santuário naquele lugar."

Ao longo dos séculos, contudo, esses relatos passariam a ser constantes. De acordo com padre Rodrigues, estima-se que hoje sejam cerca de 1,1 mil nomes pelos quais a santa é conhecida.

"Bom, falando do ponto de vista histórico, as aparições acontecem em períodos muito particulares", diz Medeiros. "Não cabe a nós, enquanto historiadores, julgarmos se elas são verídicas ou não, mas o fato está que muitas acontecem em meio a um determinado contexto político-social. É o caso de Fátima, cuja mensagem é muito interessante, e condiz com a postura da que a Igreja vai adotar, frente ao comunismo, nos anos posteriores. Temos o caso de Aparecida, por exemplo, cuja imagem é achada em meio ao debate em torno da abolição da escravidão. Temos o caso de Guadalupe, onde a virgem Maria, com traços indígenas, é um

símbolo da luta contra a desigualdade. E por aí vai."

Mas nem sempre a Igreja aprova essas manifestações. "Nem todas as aparições que ocorrem hoje foram oficialmente reconhecidas pelo catolicismo. Há um protocolo a ser seguido. Sem contar que algumas são reconhecidas totalmente e diante de outras, ainda em fase de análise, foi permitida somente a liberdade de culto", lembra ela. "O que a suposta Virgem Maria diz, no caso, precisa condizer totalmente com os princípios da Igreja Católica e até a idoneidade moral e psicológica dos videntes é analisada."

A padroeira do Brasil

Autora do livro *21 Nossas Senhoras que inspiram o Brasil*, a jornalista Bell Kranz conta que a devoção mariana foi trazida ao Brasil já pelas esquadras de Pedro Álvares Cabral — em um dos barcos foi trazida uma imagem da santa. "[A tradição] chegou essencialmente pelos portugueses, pelos colonizadores", explica. "O Tomé de Sousa [primeiro governador-geral do Brasil] chegou à Bahia já com uma imagem da santa na bagagem... Nossa Senhora da Conceição! E logo erigiu uma capelinha em Salvador, que hoje é a grande catedral Conceição da Praia [Basílica Nossa Senhora da Conceição da Praia]."

"Eu diria que o Brasil foi escolhido por Nossa Senhora, não é fanatismo dizer isso", comenta Lira. Para ele, há uma "predileção especial de Nossa Senhora para com esta terra".

"Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Candeias (a mesma da Candelária e da Purificação),

Nossa Senhora Aparecida (que é a mesma Conceição), penso que são as mais importantes para o Brasil pela veneração que o povo lhes atribui", acrescenta o hagiólogo.

"É claro que cada Estado brasileiro tem sua devoção. Por exemplo, na Bahia há uma forte devoção à Nossa Senhora da Boa-Morte. Em Minas Gerais, Nossa Senhora da Piedade que é a mesma Nossa Senhora das Dores e por aí vai. No Pará, em Belém, temos a linda manifestação à Nossa Senhora de Nazaré que anualmente leva milhões ao Círio de Nazaré. Aqui no Ceará é interessantíssima a devoção a Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, por exemplo. E qual a razão? Não dá para explicar concretamente. É algo meio que filial mesmo. Amor de filho à sua mãe e uma mãe que é mãe de todas as mães, pais e filhos."

Kranz atenta para o fato de que, dada a religiosidade católica inerente à própria construção da nação brasileira, "desde a colonização, Nossa Senhora está presente em todos os momentos de nossa história".

E a ligação brasileira com a santa é umbilical. Isto porque, como bem lembra a jornalista, em 1646 o então rei português dom João 4º consagrou todo o reino, incluindo aí as colônias, a Nossa Senhora. "Aí, 217 anos depois do descobrimento do Brasil, ela apareceu lá para os pescadores [Nossa Senhora Aparecida]", acrescenta Kranz.

Nossa Senhora

Maria se tornou "Nossa Senhora", assim chamada, somente no fim do período medieval. Mas, historicamente, a Igreja já a reconhecia como "Mãe de Deus" muito antes — mais precisamente a partir do

século 5, depois do Concílio de Éfeso, em 431. "[É quando] Maria recebe o título de *Thotòkos*, a Mãe de Deus, dogma que define explicitamente a maternidade divina de Maria. Daí em diante, ela passa a ocupar, por exemplo, o posto principal, o conteúdo da imagem do presépio se amplia e praticamente esse ícone resume a história da salvação", esclarece De Tommaso.

De acordo com o mariologista Guimarães, Maria "ganha destaque sociológico, cultural e religioso" no período medieval. É quando ela adquire "caráter de poder", tornando-se "aquela que destrói o mal". Assume características fortes, "ganha rosto de rainha". Assim, passa a ser invocada como "guerreira", "a mulher que combate o mal e, com poder militar, destrói as heresias".

"Maria passa da dimensão cultural para a política", compara ele. "No período feudal, diante da opressão, Maria se torna a padroeira para os que nela buscam auxílio, e em troca de proteção, o fiel a louva com oração e atos de caridade."

A santa passa a ser invocada "como a mãe que protege diante da ira de Deus, por algum pecado cometido, não só de forma individual mas também comunitária".

"Com o surgimento das ordens mendicantes, Maria se aproxima das pessoas, ela é tirada do trono de realeza, onde fora colocada pela teologia monástica, e se faz irmã, pobre e vizinha das pessoas", diz Guimarães.

Ao fim do período medieval, Maria já era um ícone consolidado dentro do catolicismo, tema constante das pregações e protagonista de tradições como medalhinhas, procissões, novenas e outras manifestações.



O Menino de cinco anos que testemunhou uma aparição de Nossa Senhora

A aparição ocorreu apenas uma vez e foi vista por 15 pessoas, entre elas um menino de 5 anos chamado John Curry, o mais jovem de todos os que presenciaram o acontecimento.

Em seu testemunho perante a primeira comissão de investigação criada em 1879, apenas seis semanas após a aparição, o pequeno John disse que viu belas imagens da Virgem e de São José; e que escutou os outros falarem deles.

Um artigo no Catholic Herald assinala que outro vidente, Patrick Hill, que tinha 11 anos na época, descreveu que John pediu que ele o levantasse para que pudesse “ver os bebês grandes, como ele chamava as imagens”.

Na carta que escreveu à comissão que foi criada anos depois, em 1936, Curry explicou que se lembrava de ter visto São João com um livro e que outra vidente, Brígida Trench, tentou beijar os pés de Nossa

Senhora. Quando compareceu perante os investigadores para explicar o que viu 58 anos antes, Curry explicou que as imagens estavam vivas, mas não falavam e que Nossa Senhora estava vestida de branco.

John Curry e os outros videntes levaram uma vida austera, simples e anônima. Na verdade, em vários dos relatos históricos do aparecimento de 1871, Curry não é mencionado.

Em maio de 2017, na Missa que presidiu na Catedral de São Patricio em Nova York para a transferência dos restos mortais de Curry, o Cardeal norte-americano, Timothy Dolan, descreveu o vidente como “um imigrante que realmente se distinguiu por sua simplicidade, humildade, bondade e misericórdia”.

John Curry mudou-se para Nova York em 1897 aos 25 anos, depois foi para Londres em 1900 e voltou para os Estados Unidos em 1911. Esteve em outras cidades do país e quando sua saúde começou a piorar, mudou-se para Long Island com as Irmãs Pobres. Nunca se casou e morreu em 1963 aos

69 anos.

“Como muitos dos videntes, John Curry viveu uma vida tranquila, nunca ressaltando o que experimentou em Knock, a menos lhe pedissem”, comentou Pe. Richard Gibbons, Reitor do Santuário de Nossa Senhora de Knock, na Irlanda, à CNA – agência em inglês do grupo ACI.

“Ajudou na Missa todos os dias até a sua morte e teve uma grande devoção a Nossa Senhora e dizia que ela nunca lhe negou nada do que lhe pediu”, explicou o sacerdote.

A aparição

Em 21 de agosto de 1879, Nossa Senhora, São José, o Cordeiro Pascal e São João Evangelista apareceram envolvidos em uma luz brilhante na Igreja Paroquial de Knock. Quinze pessoas com idades entre 5 e 74 anos foram testemunhas do evento.

A aparição começou por volta das 20h. A Virgem tinha um longo vestido branco. Suas mãos e olhos estavam voltados para o céu como se estivesse rezando.

Em sua cabeça tinha uma coroa brilhante com uma rosa na frente. À direita de Nossa Senhora estava São José, com a cabeça inclinada e ligeiramente virada para ela. Vestia uma túnica branca.

À esquerda da Virgem estava São João Evangelista, vestido como bispo, com um livro na mão esquerda e com a direita levantada como se estivesse pregando.

Junto às figuras e um pouco à direita, no centro, havia um altar grande e simples. No altar havia um cordeiro voltado para o oeste e atrás dele estava uma grande cruz. Os anjos rodeavam o cordeiro durante toda a aparição.

Os quinze videntes

presenciaram a aparição por 2 horas enquanto chovia e rezavam o Santo Rosário.

A aparição tem um profundo simbolismo do livro do Apocalipse. O cordeiro é Jesus. A cruz é onde o cordeiro é oferecido ao Pai como sacrifício. O altar da Missa é onde o sacrifício se faz presente.

Junto à Cruz estavam Maria e São João. São José não pôde estar junto à cruz, mas agora no céu a morte já não pode o separar da Sagrada Família e dos benefícios do sacrifício de Jesus.

Apenas seis semanas após a aparição, estabeleceu-se uma comissão de investigação, criada pelo Arcebispo de Tuam, Dom John MacHale. As quinze testemunhas foram examinadas e a comissão informou que o testemunho de todos, tomados juntos, era confiável e satisfatório.

Em 1936, foi criada outra comissão diante da qual os três videntes sobreviventes compareceram: Mary O’Connell (Mary Byrne), Patrick Byrne e John Curry. Todos os três confirmaram suas declarações originais de muitos anos atrás.

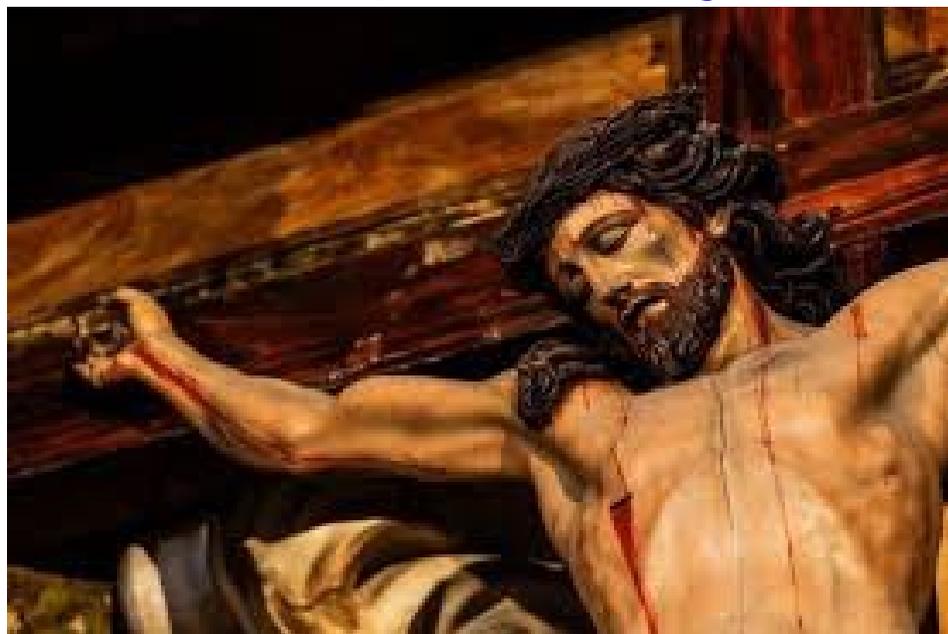
Quando a comissão anunciou seu relatório, milhares de doentes foram trazidos para Knock e os jornais locais relataram muitas curas extraordinárias.

Entre os ilustres peregrinos que visitaram o santuário irlandês estão São São João Paulo II e Santa Teresa de Calcutá.

Um milhão e meio de peregrinos o visitam anualmente.



Como surgiu a crucificação, o mais 'cruel e aterrorizante' dos castigos



O político e filósofo romano Cícero considerava a crucificação a punição "mais cruel e aterrorizante" que poderia existir.

"Somente a palavra 'cruz' por si só deveria estar longe não apenas do corpo de um cidadão romano, mas também de seus pensamentos, de seus olhos, de seus ouvidos."

"Das três formas mais brutais de executar alguém na antiguidade, a crucificação era considerada a pior", disse Louise Cilliers, autora e pesquisadora do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade do Estado Livre, na África do Sul, à BBC News Mundo, serviço em espanhol da BBC.

"Depois vinham a morte na fogueira e a decapitação."

"Foi uma combinação de absoluta crueldade e espetáculo para fazer o máximo de terror possível na população", disse Diego Pérez Gondar, professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra.

Em muitos casos, a morte do executado só ocorria dias após ser colocado na cruz, diante do olhar de transeuntes.

O corpo passava por um misto

de sufocamento, perda de sangue, desidratação, falência de diversos órgãos, entre outros problemas.

Jesus, o homem que transformou o mundo com uma mensagem de paz, foi um dos muitos que morreram na cruz, um castigo cujas origens remontam a séculos.

Isto é o que se sabe de onde e como surgiu.

Os assírios

No seu auge, o império assírio se estendia das costas do Golfo Pérsico até o que hoje são a Turquia e o Egito.

Na sua fase final era conhecido como império neoassírio, e era o maior do mundo até então.

Entre o ano 900 a. C e 600 a.C, aproximadamente, tornou-se uma grande civilização, uma superpotência tecnológica, graças à riqueza de seus mercadores e à crueldade de seus exércitos.

De fato, um de seus reis, Senaqueribe, é considerado o expoente original do que hoje é conhecido como guerra total.

Os assírios tiveram o cuidado de deixar testemunho não apenas de seu poder, mas

também dos cruéis castigos que impuseram a seus rivais.

E embora os conflitos com povos inimigos estivessem presentes na narrativa e no discurso da realeza em todo o Oriente Médio, isso se tornou "especialmente evidente nos textos e na arte neo-assírios, onde a guerra e o castigo dos inimigos são ainda mais importantes do que para outros reis" da região.

Assim escreveu a historiadora Eva Miller no artigo Crime and Testament: Enemy Direct Speech in Inscriptions of Esarhaddon and Ashurbanipal (Crime e testamento: discurso direto do inimigo nas inscrições de Assaradão e Assurbanípal) da revista especializada Journal of Ancient Near Eastern History.

Dessa forma, os inimigos deveriam estar no centro dessas manifestações de expressão para "poderem recriar sua subjugação e derrota".

De acordo com Louise Cilliers, o castigo da crucificação provavelmente "se originou com os assírios e babilônios e foi usada sistematicamente pelos persas no século 6 a.C".

O professor Pérez aponta que as informações mais antigas disponíveis vêm de algumas decorações de palácios assírios.

"Nas paredes havia relevos com desenhos que representavam algumas batalhas e conquistas e a forma como os prisioneiros eram executados. Aparece a técnica da empalação, algo semelhante ao que seria uma crucificação", diz.

Um desses relevos, relata a historiadora Rebecca Denova, mostra "prisioneiros pendurados em postes, com o

poste inserido em suas costelas", após a conquista da cidade israelita de Laquis por Senaqueribe em 701 a.C.

"O objetivo dessa punição excruciante era enfatizar a crueldade e o terror que aguardavam os prisioneiros e rebeldes", indica, em um artigo da World History Encyclopedia. Cilliers, junto com F. P. Retief, escreveu o artigo The history and pathology of crucifixion (A história e patologia da crucificação) para o South African Medical Journal.

No texto, eles explicam que os persas realizavam as crucificações em árvores ou postes em vez de uma cruz formal.

"Combinar a pena de morte com o escárnio do condenado e uma morte cruel era frequente e uma das técnicas era deixá-lo pendurado em um pedaço de madeira para que morresse de asfixia e cansaço", disse Pérez.

Disseminação

No século 4 a.C, Alexandre, o Grande, levou a forma de punição para os países do Mediterrâneo oriental.

"Alexandre e suas tropas sitiaram a cidade de Tiro (atual Líbano), que era mais ou menos inexpugnável", disse Cilliers.

"Quando finalmente entraram, crucificaram cerca de 2 mil habitantes."

Os sucessores de Alexandre, o Grande, introduziram o castigo no Egito e na Síria, bem como em Cartago, a grande cidade norte-africana fundada pelos fenícios.

Durante as Guerras Púnicas, os romanos aprenderam a técnica e "a aperfeiçoaram por 500 anos".

"Onde as legiões romanas iam, praticavam a crucificação."

E em alguns lugares em que a implementaram, os locais a adotaram.

No ano 9 d.C., o líder alemão Arminio mandou crucificar os soldados do general romano Varo, após um confronto conhecido como a batalha da Floresta de Teutoburgo (hoje território alemão) e que representou uma derrota humilhante para os romanos.

No ano 60 d.C., Boudica, a rainha da tribo britânica dos Iceni, liderou uma grande revolta contra os invasores romanos e crucificou vários de seus legionários.

Terra Santa

Em Israel, antes da chegada dos romanos, esse tipo de castigo também foi usado.

"Temos fontes que falam de crucificações anteriores à dominação romana na Terra Santa", disse Pérez.

A informação surgiu graças ao historiador, político e soldado judeu Flávio Josefo, nascido em Jerusalém no século 1.

Um de seus relatos é sobre o reinado de Alexandre Janeu (125 a.C-76 a.C), que governou os judeus por 27 anos.

Depois de conquistar vários territórios vizinhos, o líder expandiu a dinastia asmoneu ao seu apogeu.

No entanto, ele intensificou o conflito entre fariseus e asmoneus, iniciando uma guerra que deixou milhares de mortos.

"Enquanto ele estava celebrando com suas concubinas, ordenou a crucificação de cerca de oitocentos judeus e a morte de seus filhos e esposas diante dos olhos dos infelizes que ainda estavam vivos", escreveu Flávio Josefo sobre eventos do ano 88 a.C.

Os romanos

De acordo com o artigo de Cilliers e Retief, os romanos também chegaram a crucificar os condenados em árvores ou postes, mas incorporaram uma variedade de cruces, como uma

cruz em forma de X (cruz decussata).

"No entanto, na maioria dos casos, eles usavam a familiar cruz latina (cruz immissa) ou a cruz em "t" (cruz comissa). Essas cruces podiam ser altas (cruz sublimis), mas as baixas (cruz humilis) eram mais comuns, e consistiam em um poste vertical (stipes) e uma barra transversal (patibulum)".

O condenado era obrigado a carregar a parte horizontal da cruz até o local da execução.

As mulheres de Jerusalém, dizem os autores, ofereciam ao condenado uma bebida que tinha efeitos analgésicos.

"Se ele não estava nu, sua roupa era removida e ele era deitado de costas com as mãos estendidas ao longo do patíbulo."

Amarravam os braços à trave ou cravavam pregos mais nos pulsos e menos nas mãos porque estas não suportavam o peso do corpo, rasgavam e se soltavam da cruz.

Os pregos podiam medir até 18 cm de comprimento e 1 cm de espessura.

Procedimento

Quando o condenado estava preso à trave horizontal, era levantado e fixado na estaca vertical que já estava cravada no chão.

Os pés podiam ser amarrados ou pregados no poste vertical, um de cada lado ou os dois ao mesmo tempo, um em cima do outro.

Nesse caso, explicam os autores, um único prego era cravado nos metatarsos de ambos os pés, enquanto os joelhos estavam flexionados.

A dor era inimaginável, "muitos nervos eram tocados", destacou o professor Pérez.

"Você tinha que fazer força com as pernas sobre aqueles pregos para poder ajustar o

corpo e respirar."

E nessas tentativas, "se perdia muito sangue, havia uma dor tremenda, mas se não fizesse isso, você morria sufocado".

Em muitos casos, era uma morte lenta, que ocorria após uma falência de vários órgãos.

Isso, explicam Cilliers e Retief, era causado por um colapso circulatório devido ao choque hipovolêmico.

Os condenados sofriam "diminuição do volume de sangue (hipovolemia) devido à perda traumática de sangue e desidratação, mas talvez principalmente por insuficiência respiratória".

Muitos morriam por asfixia.

Horas, dias de agonia

A crueldade da execução também se refletia no fato de que muitos dos executados demoravam dias para morrer, embora também pudessem morrer em questão de poucas horas.

"Como normalmente levavam dias, em alguns casos o que os soldados faziam para acelerar a morte era golpear os joelhos e quebrar as pernas. Dessa forma, o condenado não conseguia elevar o corpo para respirar usando os músculos das pernas, isso fazia com que morressem em seguida", contou Pérez.

Segundo o relato bíblico, os soldados romanos fizeram isso com condenados que haviam sido crucificados com Jesus, mas não com ele, porque já havia morrido.

"É que antes ele havia sofrido com outra punição, tipicamente romana, a flagelação", disse o acadêmico.

"Jesus já tinha sido açoitado com flagelos, uma espécie de chicote com pedaços de metal, ossos pontiagudos, lâminas, tinha perdido muito sangue.

Aliás, teve gente que morreu só com a flagelação."

'Os piores inimigos'

Amarrado ou pregado, o castigo da crucificação buscava "expor e humilhar" o condenado.

"Era uma morte reservada aos piores inimigos para deixar claro que não queriam ver ninguém cometendo o mesmo crime", segundo Pérez.

Aplicava-se também a escravos e estrangeiros, muito raramente a cidadãos romanos.

"Em muitos casos, estava associado a traição, a levantes militares, a terrorismo, a algum crime que teria levado a derramamento de sangue, ou seja, quando alguém era especialmente violento, também era punido com violência especial".

"É por isso que chama a atenção o fato de Jesus ter sido crucificado, pois não havia cometido um crime."

"Eles tinham percebido um perigo em Jesus, já que o que representava mudou o mundo."

"E aqueles que não queriam que o mundo mudasse não apenas tentaram acabar com ele, mas acabar de forma cruel, para deixar claro que (sua mensagem) não deveria continuar."

Mas ela continuou.

Constantino aboliu a punição da crucificação no século 4 d.C. e se tornou o primeiro imperador romano a professar o cristianismo.

Ele legalizou a religião, deu privilégios a seus seguidores, levando à cristianização do império.

No entanto, a punição foi repetida em outro lugar. Por exemplo, no século 16], no Japão, 26 missionários foram crucificados, no início do longo período de perseguição contra os cristãos naquele país.

Apesar de seu passado cruel, a cruz representa para muitos cristãos e não cristãos uma mensagem de entrega por amor.



Navio cargueiro 'movido a vento' estreia em viagem ao Brasil

Um navio de carga equipado com velas especiais gigantes movidas a vento partiu em sua viagem inaugural.

A empresa de transporte marítimo Cargill, que fretou a embarcação, diz esperar que a tecnologia ajude a indústria a caminhar em direção a um futuro mais verde.

O uso das grandes velas (ou "asas") WindWings, de design britânico, visa a reduzir o consumo de combustível e, portanto, a pegada de carbono do transporte marítimo.

Estima-se que a indústria seja responsável por cerca de 2,1% das emissões globais de dióxido de carbono (Co2).

A primeira jornada do navio Pyxis Ocean será da China para o Brasil — e servirá como o primeiro teste da tecnologia no mundo real.

Dobradas quando o navio está no porto, as velas são abertas depois da embarcação zarpar. Elas têm 37,5 metros de altura e são construídas com o mesmo material das turbinas eólicas, o que as torna mais duráveis.

Permitir que uma embarcação seja levada pelo vento, em vez de depender apenas de seu motor,

pode reduzir as emissões de um navio de carga em até 30%.

Jan Dieleman, presidente da Cargill Ocean Transportation, disse que a indústria está em uma "jornada para descarbonizar".

Ele admite não haver uma "bala de prata", mas disse que essa tecnologia demonstra a rapidez com que as coisas estão mudando.

"Cinco, seis anos atrás, se você perguntasse às pessoas sobre descarbonização, elas diriam 'bem, vai ser muito difícil, não vejo isso acontecendo tão cedo'", disse ele à BBC.

"Cinco anos depois, acho que a narrativa mudou completamente e todos estão realmente convencidos de que precisam fazer sua parte. O desafio para todos é um pouco entender como fazer isso acontecer."

"É por isso que assumimos o desafio de ser uma das maiores empresas a assumir parte do risco, experimentar coisas e levar o setor adiante."

O Pyxis Ocean vai demorar cerca de seis semanas para chegar ao Brasil, seu destino final.

A tecnologia usada na embarcação foi desenvolvida pela empresa britânica BAR Technologies, que surgiu da equipe do velejador britânico

Ben Ainslie na Copa América de 2017, uma competição chamada por muitos de "Fórmula 1 dos mares".

"Este é um dos projetos mais lentos que já fizemos, mas sem dúvida com o maior impacto para o planeta", disse à BBC o chefe da equipe, John Cooper, que trabalhava para a McLaren, da Fórmula 1.

Ele acredita que esta viagem marcará uma virada para a indústria marítima.

"Prevejo que até 2025 metade dos novos navios serão encomendados com propulsão eólica", disse ele.

"A razão pela qual estou tão confiante é a economia - uma tonelada e meia de combustível por dia. Com quatro 'asas' em uma embarcação, são seis toneladas de combustível economizadas, ou seja, 20 toneladas de CO2 economizadas. Por dia. Os números são enormes."

A inovação veio do Reino Unido, mas as "asas" (WindWings) são fabricadas na China. Cooper diz que a falta de apoio do governo para reduzir o custo do aço importado impede a empresa de fabricá-lo aqui.

"É uma pena, eu adoraria construir no Reino Unido", disse ele à BBC.

'Mergulhar de cabeça'

Especialistas dizem que a energia eólica para embarcações é uma área promissora, já que a indústria naval tenta reduzir os estimados 837 milhões de toneladas de CO2 que produz a cada ano.

Em julho, a indústria concordou em zerar a emissão de gases que aquecem o planeta "por volta de 2050" — uma promessa que os críticos disseram ser capenga.

"A energia eólica pode fazer uma grande diferença", diz Simon Bullock, pesquisador de navegação no Tyndall Centre, na Universidade de Manchester.

Ele disse que novos combustíveis mais limpos levarão tempo para surgir, "então temos que mergulhar de cabeça em medidas operacionais em navios existentes, como modernizar embarcações com velas, pipas e rotores".

"Em última análise, vamos precisar de combustíveis de carbono zero em todos os navios, mas, até lá, é urgente tornar cada viagem o mais eficiente possível. Velocidades mais lentas também são uma parte crítica da solução", disse ele à BBC.

Stephen Gordon, diretor administrativo da empresa de dados marítimos Clarksons Research, concorda que as tecnologias relacionadas ao vento estão "ganhando força".

"O número de navios que usam essa tecnologia dobrou nos últimos 12 meses", disse.

"No entanto, a referência para esse dado é baixa. Na frota de transporte marítimo internacional e na carteira de pedidos de mais de 110.000 embarcações, temos registros de menos de 100 com tecnologia assistida pelo vento hoje."

Mesmo que esse número aumente drasticamente, a tecnologia eólica pode não ser adequada para todas as embarcações, por exemplo, onde as velas interferem no descarregamento de contêineres.

"A indústria naval ainda não tem um caminho claro para a descarbonização e, dada a escala, o desafio e a diversidade da frota naval mundial, é improvável que haja uma solução única para a indústria a curto ou médio prazo", analisa Gordon.

John Cooper, da BAR Technologies, é mais otimista, porém, dizendo que o futuro das asas eólicas é "muito promissor".

Ele também admite certa satisfação com a ideia da indústria voltar às origens.

"Os engenheiros sempre odeiam, mas eu sempre digo que é uma volta para o futuro", disse ele. "A invenção dos grandes motores de combustão destruiu as rotas comerciais e marítimas e agora vamos tentar reverter essa tendência."

Quem é Dmitry Utkin - e quem mais estaria no avião de Prigozhin que caiu na Rússia?



Além do líder do grupo Wagner, Yevgeny Prigozhin, outras nove pessoas estavam a bordo do avião que caiu na Rússia nesta quarta-feira (24/8), segundo detalhes divulgados pelas autoridades de aviação russas.

Entre os passageiros estava Dmitry Utkin, uma figura ligada a Prigozhin e cujo codinome provavelmente inspirou o nome do grupo mercenário que ele chefiava.

A Rússia também afirma que Valeriy Chekalov, que supostamente controlava as finanças do Wagner, estava a bordo.

Além dos passageiros, três tripulantes estavam no avião no momento da queda.

Dmitry Utkin

A história do grupo Wagner é obscura, mas uma rápida análise do passado da organização leva ao nome de Dmitry Utkin.

Acredita-se que o veterano de 53 anos, que lutou em duas guerras russas na Chechênia entre 1994 e 2000, esteja envolvido no exército privado desde seus primeiros dias, em 2014.

Uma investigação da BBC revelou, inclusive, que a origem do nome Wagner está ligada a ele, já que esse era seu codinome durante as guerras. Aparentemente é uma referência ao compositor Richard Wagner.

Nos últimos anos, Utkin teria sido o braço-direito de Prigozhin, responsável pelo comando geral e treinamento de combate. Existem poucas fotografias de Utkin, mas uma das que circulam é uma selfie

que mostra tatuagens neonazistas em seu corpo.

De acordo com o currículo online de Utkin, que parece ser de cerca de 2013 e foi descoberto pelo site investigativo Bellingcat, ele serviu na GRU – divisão de inteligência militar da Rússia – de 1988 a 2008.

O documento indica ainda que sua participação em operações de combate lhe rendeu prêmios governamentais, além de uma lista de habilidades com armamentos.

Utkin tornou-se um pistoleiro de aluguel depois de deixar a inteligência militar e ganhou influência no Wagner quando o grupo lutou ao lado dos separatistas pró-Rússia no leste da Ucrânia em 2014.

Acredita-se também que ele esteve envolvido nas operações do grupo na Síria e na África.

Uma investigação da BBC em 2021 ainda ligou Utkin a documentos que expunham o envolvimento de Wagner na guerra civil da Líbia.

Uma fotografia supostamente tirada em 2016 mostra Utkin ao lado do presidente russo, Vladimir Putin, numa recepção no Kremlin. Na época em que a imagem foi feita, o governo russo negava ligações com o grupo de mercenários.

Desde então, Putin admitiu que o governo russo financiou o grupo em bilhões de dólares.

Valeriy Chekalov
Acredita-se que Chekalov seja um associado próximo de Prigozhin, com ligações comerciais com o líder do Wagner que remontam à década de 2000.

O homem de 47 anos parece estar envolvido na gestão dos interesses comerciais não militares de Prigozhin, que os governos ocidentais dizem serem usados para financiar o grupo mercenário.

Chekalov estava ligado à Evro Polis, empresa associada a

Prigozhin, que assinou contratos para a produção de gás e petróleo na Síria em 2017.

Segundo o Tesouro dos EUA, a empresa foi contratada pelo governo do presidente Bashar al-Assad "para proteger os campos petrolíferos sírios em troca de uma participação de 25% na produção de petróleo e gás dos campos".

Os recursos arrecadados com o acordo foram usados para pagar os combatentes do Wagner e adquirir armas, disse o Tesouro dos EUA.

Acredita-se também que Chekalov tenha sido responsável pelos projetos empresariais do Wagner em toda a África.

Ele foi alvo de sanções dos EUA e da Ucrânia devido às suas ligações com Prigozhin. A Evro Polis também foi sancionada por vários governos, incluindo o Reino Unido.

Yevgeny Makaryan, Sergey Propustin, Alexander Totmin e Nikolay Matuseev Os outros cinco homens listados como passageiros parecem ser combatentes do Wagner.

Ao contrário de Utkin e Chekalov, não aparecem nas listas de sanções internacionais e, por isso, não foram considerados figuras importantes pelos governos ocidentais.

Considerando que Prigozhin estava sempre assessorado por uma rede de proteção - e ainda mais depois do aprofundamento do seu conflito com Vladimir Putin - eles podem ter viajado como guarda-costas.

Os nomes de três dos homens aparecem numa base de dados de alegados combatentes do Wagner, compilada por ativistas pró-Ucrânia: Yevgeny Makaryan, Sergey Propustin e Alexander Totmin.

Outro homem identificado pelas autoridades russas como Nikolay Matuseev não aparece na base de dados.

Um canal russo do Telegram, porém, diz se tratar de Nikolay

Matusevich, membro da "tropa de choque" do Wagner.

Piloto Alexei Levshin, copiloto Rustam Karimov e aeromoça Kristina Raspopova As outras três pessoas identificadas pelas autoridades russas são o piloto Alexei Levshin, o copiloto Rustam Karimov e a comissária de bordo Kristina Raspopova, a única mulher a bordo.

Poucas informações foram confirmadas sobre o trio e não está claro se eles foram empregados diretamente por Prigozhin, por uma empresa de sua propriedade ou por outra empresa.

Sabe-se que Prigozhin viajava regularmente em jato particular e que a aeronave envolvida no acidente, um Embraer Legacy 600 de fabricação brasileira, já havia sido usada por ele anteriormente.

O avião foi colocado sob sanções dos EUA em 2019 – quando foi listado sob um registo diferente – devido às suas ligações com Prigozhin por meio de uma empresa, de acordo com a agência de notícias Reuters.

A BBC não pôde confirmar de forma independente detalhes sobre a tripulação do voo, mas informações obtidas em entrevistas com parentes das vítimas estão circulando na imprensa russa.

Raspopova, de 39 anos, teria conversado com sua família e postado fotos nas redes sociais pouco antes da decolagem do voo.

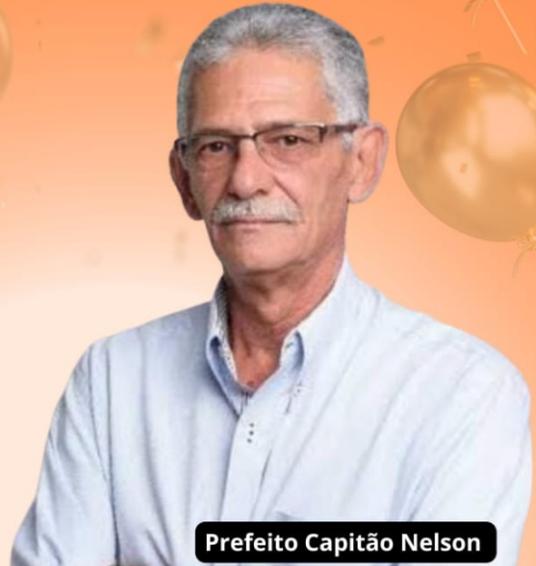
Karimov, 29 anos, trabalhava para a empresa há apenas três meses, de acordo com uma entrevista dada por seu pai na imprensa russa, e teria comemorado seu quarto aniversário de casamento no início deste mês.

Levshin, 51 anos, era casado, tinha dois filhos e trabalhou na aviação durante toda a sua vida adulta, informaram meios de comunicação russos citando sua família.



São Gonçalo se prepara para brindar seus 133 anos em harmonia com seu prefeito, Capitão Nelson Ruas.



Prefeito Capitão Nelson

www.redecaticanews.com.br

São Gonçalo se prepara para brindar seus 133 anos em harmonia com seu prefeito, Capitão Nelson Ruas.

Andando pelas ruas do município de São Gonçalo, você percebe a diferença, aquela paisagem suja e abandonada ficou pra trás, o que vemos agora é uma cidade limpa, ordeira e com uma gente orgulhosa de seu município, feliz com o seu gestor.

São Gonçalo vem de várias gestões desastrosas, onde nem o básico era feito para a população, logo percebe-se a diferença de administração na cidade, os inúmeros equipamentos públicos para atender a população transformaram a paisagem e a condição de vida do gonçalense.

A característica do atual prefeito de ter contato direto com

o cidadão ajudou aumentar sua popularidade, Capitão Nelson transferiu o seu gabinete para às ruas da cidade, logo o cidadão gonçalense tem o privilégio de esbarrar com o prefeito supervisionando alguma obra em andamento.

O RCNEWS vai preparar um especial das grandes transformações que o município teve nesses três anos de gestão do prefeito Capitão Nelson Ruas.



Um trio que mudou a história de São Gonçalo: Capitão Nelson, Altineu Côrtes e Douglas Ruas

Agnua Dei



Um trio que mudou a história de São Gonçalo: Capitão Nelson, Altineu Côrtes e Douglas Ruas.



www.redecaticanews.com.br

Três homens que uniram forças e mudaram a história de São Gonçalo, em três anos de administração do governo do prefeito Capitão Nelson Ruas. Um município acostumado com migalhas administrativas, viu a mudança de gestão e sua autoestima transformada e elevada.

Tudo começou com o apoio incondicional que o prefeito Capitão Nelson Ruas recebeu do Deputado Federal Altineu Côrtes, ainda no processo eleitoral. Com a vitória de Nelson no segundo turno sobre o candidato Dimas Gadelha, o projeto de transformação foi posto em prática.

Altineu Côrtes pavimentou o caminho de Nelson trabalhando em Brasília para trazer os recursos necessários para a cidade prosperar. Só que havia um problema, vencer o

desânimo da população, surrada por seguidas administrações desastrosas.

A postura do prefeito de transferir seu gabinete para as ruas foi importante e Altineu foi sustentando politicamente São Gonçalo para avançar no novo projeto que estava sendo colocado em prática, reconstruir a cidade e a autoestima do seu povo.

Aqui no município um jovem se destacava, Douglas Ruas, à frente da secretaria de Gestão Integrada, ele redefiniu a política na cidade, criando projetos, executando obras e transformando São Gonçalo em um canteiro de sonhos e esperanças. O resultado de seu desempenho foi sua votação histórica para assumir uma cadeira de Deputado Estadual na Alerj.

São Gonçalo vive em harmonia com suas lideranças, Capitão Nelson Ruas, Altineu Côrtes e Douglas Ruas seguem transformando a vida, os sonhos de mais de um milhão de gonçalenses que experimentaram o gostinho de ter uma cidade bem administrada.



MARICÁ, PODE SER PALCO DA EXPOSIÇÃO SOB À LUZ DO SAGRADO!

AGNUS DEI

www.redecaticanews.com.br

Exposição Sob à Luz do Sagrado, promete colocar Maricá no roteiro do turismo religioso.

Um projeto católico que pode levar uma grande peregrinação para o município de Maricá neste final de ano, a exposição Sob à Luz do Sagrado, produzida pelo RCNEWS, veículo leigo ligado à Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

De acordo com às primeiras informações, a exposição teria o objetivo de levar a arte sacra para a população maricaense e de cidades vizinhas, mostrando ao grande público toda beleza artística das obras sagradas do catolicismo.

Bispos e padres estão animados com a ideia e prometem organizar excursões para o município de Maricá para que às pessoas possam prestigiar o evento e contemplar

às belezas da arte sacra.

A mídia Católica também almeja fazer uma grande divulgação, enviando equipes de reportagens para a cidade e convidando o público para conhecer às belezas que Maricá oferece.

"O potencial turístico de Maricá é imenso. O Rede Católica News quer explorar na cidade o turismo religioso. Lá tivemos a passagem de São José de Anchieta, temos capelas históricas e a igreja matriz, Nossa Senhora do Amparo é uma beleza arquitetônica que deve ser conhecida por todos. A exposição Sob à Luz do Sagrado é o primeiro passo para convidarmos todos a conhecer Maricá por um novo ângulo, o turismo religioso".

Disse Marcelo Rodrigues, presidente do RCNEWS.



AGNUS DEI

Deputado Federal, Washington Quaquá, está defendendo no Congresso Federal à Frente Parlamentar das Favelas.

www.redecaticanews.com.br

Deputado Federal, Washington Quaquá, está defendendo no Congresso Federal à Frente Parlamentar das Favelas.

A rotina pesada das favelas cariocas e do imenso Brasil pode mudar, o Deputado Federal Washington Quaquá está liderando no Congresso Nacional à Frente Parlamentar das Favelas, um movimento político que visa levar dignidade para essa população esquecida pelo poder público e sacrificada no confronto entre traficantes, milicianos e policiais.

As histórias hostis que os moradores enfrentam, vidas ceifadas no combate desigual de um confronto que leva sofrimento e desesperança para famílias que buscam o direito de viver com dignidade e construir um caminho de paz e

prosperidade.

"A Favela entra pela primeira vez na Câmara dos deputados, e a partir daqui ela vai gerar políticas para os próximos 20 anos, para transformar a favela não em um problema, não na violência, não na carência. A Favela como potência, como espaço de cultura, como espaço de economia, de empreendedorismo. A Favela veio para a Câmara dos Deputados para ficar", disse o **Deputado Federal Washington Quaquá.**

